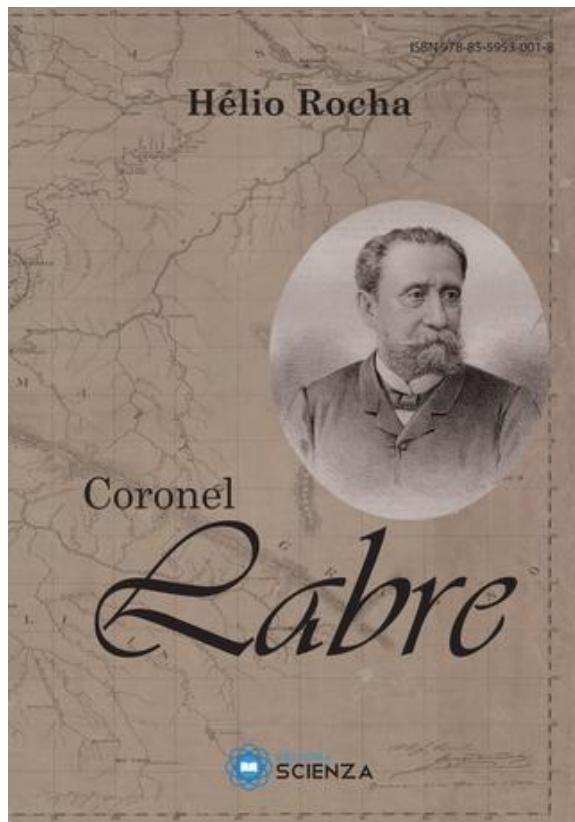


# RESENHA: LABRE, FUNDADOR DE LÁBREA, UMA CIDADE NA AMZÔNIA

*Miguel Nenevé*



Lábrea é uma cidade no sul do estado do Amazonas - na Amazônia brasileira. Pertence ao município de mesmo nome, que é bem conhecido no norte do Brasil como “a princesinha do Rio Purus”. Esta pequena cidade já completou 133 anos de história nas margens deste último grande afluente do Solimões (nome dado ao rio Amazonas antes do encontro com o Rio Negro). O Purus é sinuoso, de fluir ondulante e de exuberante beleza natural, nasce nas colinas do Arco Fitzcarrald, situado na floresta baixa peruana, nos “departamentos” de Ucayali e Madre de Dios, entrando no Brasil pelo Acre e adentrando o Amazonas, onde fica a cidade de Lábrea. Por ser um rio com alta riqueza de espécies, a região vem constantemente sofrendo grande invasão de colonizadores que visam apenas o lucro. Por exemplo, há grande exploração da pesca, caça, madeira e agricultura familiar. É importante lembrar que a região

onde se encontra a cidade de Labre foi (e é) povoada por diversos povos ameríndios que também sentiram muito a invasão de colonizadores, invasão que desfigurou sua vida e os colocou em situação de deslocamento.

A região onde fica a cidade de Lábrea, na época da exploração da borracha, já na segunda metade do século XIX e, mais tarde, no início do século XX, recebeu muitos trabalhadores procedentes da região do nordeste do Brasil que migraram para a região para escapar da seca e explorar o látex. No segundo “boom” da borracha (nos anos 1940, durante a Segunda Guerra Mundial) foi quando a região recebeu os “soldados da borracha” provindos do Nordeste e até dos Estados Unidos (médicos que vinham para prevenir ou combater a malária). Pode-se, portanto, dizer que a herança que Lábrea recebeu do chamado “Ouro Branco” garantiu o crescimento da cidade como uma área urbana, originada da economia do látex. Atualmente, ao mesmo tempo que é um promissor centro de produção agrícola familiar contando com universidades oferecendo estudos que ajudam a região a desenvolver seu potencial, sofre justamente por ser infestada por uma baixa autoestima provocada pela colonização do solo e da mente.

O que é interessante e que aprendemos com o livro do professor Helio Rocha é que Lábrea recebeu seu nome de seu fundador mais famoso, um colonizador do sul da Amazônia, o coronel Labre. Nomear sempre foi uma prerrogativa do colonizador. Por exemplo, Américo Vespúcio nomeou a terra que tinha recentemente “descoberto” de América, Jamestown foi nomeada em homenagem ao rei James, Florianópolis, para homenagear Floriano Peixoto, Rondônia em homenagem ao Marechal Rondon, Fordlandia em honra a Henry Ford e assim por diante. Então, Lábrea “emprestou” seu nome à cidade que criara, colocando no feminino, como se a cidade fosse sua mulher, sua esposa, por isso Lábrea. Mas quem era este fundador, o coronel Labre?

*Coronel Labre*, o livro de Helio Rocha, é fruto de uma pesquisa muito séria sobre a vida do Coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre, que nasceu na fazenda “Suçuapara”, no Maranhão. Com 54 anos de idade, decidiu se instalar na Amazônia e fundar a cidade de Lábrea. Em seu estudo, Rocha explora a vida desse homem, nordestino, como muitos seringueiros, que migrou do estado do Maranhão para a Amazônia. Rocha informa ao leitor, por exemplo, que o Coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre foi responsável por trazer o maior número de migrantes nordestinos para a região, o que permitiu o estabelecimento de

uma comunidade às margens do rio Purus em 1871, que mais tarde se tornou a município e

cidade. Labre governou esta cidade na década de 1870. O local que Labre denominou ‘Lábrea’ tinha um nome indígena, “Amaciari” e era habitado pelos ameríndios, principalmente os Paumari, uma nação indígena que gostava de morar em cima de água, pois vivia mais da pesca do que da caça, movimentando-se muito bem pelas águas do Purus.

Interessante observar que o autor Hélio Rocha é filho natural de Lábrea e esse fato foi fundamental para fazer uma investigação sobre a terra que fica à margem direita do rio Purus. Seu interesse é antigo e logo após o doutoramento iniciou a pesquisa sobre os primórdios do processo de colonização dessa região da Amazônia brasileira. Como o próprio autor diz, ele sentia “desejo e a necessidade de investigar o passado em busca de compreensão de inúmeras questões sociais, políticas, econômicas, etnográficas, antropológicas e indenitárias” da cidade e da região. Para ele, uma pesquisa voltada para a vida e o tempo do Coronel, um dos principais colonizadores do rio Purus, iria possibilitar uma compreensão maior da região, seu povo e seu estado de colonialidade. Assim, o autor investiga com paixão a formação da cidade de Lábrea. A ignorância da própria comunidade labrense sobre a vida do fundador da cidade tinha deixado o autor surpreso e alvorotado. Por isso queria revelar para sua comunidade alguns aspectos de suas origens, as migrações e todo o contexto social.

Na obra o autor compara os nordestinos que migraram para a Amazônia no século XIX aos paulistas chamados “bandeirantes”, que deixaram suas terras para conquistar e colonizar terras desconhecidas. Isso aconteceu com Labre, que foi considerado bem-dotado para atividades intelectuais e tinha uma vocação especial para viajar e para fazer tudo o que tinha o gosto de aventura, sendo, portanto, fascinado pela novidade. As viagens de Labre para o exterior, principalmente à Europa e aos EUA, o prepararam para ser habilidoso o suficiente para realizar seu projeto principal: fundar uma cidade na Amazônia. Helio Rocha vê neste caso uma função pedagógica da viagem, pois proporciona ao viajante uma nova percepção do mundo e novas ideias. Labre, depois de viajar para o exterior, retornou ao Maranhão com a intenção de deixar suas terras para a Amazônia. Na verdade, ele queria fundar e governar uma cidade, revelando assim a vontade de um colonizador. Afinal, ele também era um homem que dominava uma ótima redação e costumava publicar suas ideias políticas em jornais em seu estado natal. Como membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Labre tinha muitas maneiras de divulgar e publicar suas opiniões e seus pontos de vista na área política e outras questões de interesse. Em suas publicações, ele revelava seu desejo de entrar na política e

governar. Ingressou no exército e em 1862 já era capitão mostrando habilidades para crescer como homem que aspira poder.

Em dezembro de 1870, conforme Rocha nos conta, Labre deixou sua terra natal, indo primeiro para Belém e depois para Manaus. De Manaus, ele embarcou para o interior do estado do Amazonas, chegando às terras regadas pelo rio Purus. Com um espírito colonizador, começou a incursionar e a explorar o Purus e todos os seus afluentes. Sua vontade de deixar sua “marca” de colonizador na região é visível em suas ideias sobre o povo das primeiras nações, os indígenas, que vivem na região amazônica. Sua presença na Amazonia parecia uma “missão civilizadora” como a dos primeiros colonizadores europeus. Para ele, era triste ver no Brasil, um país cristão, os ameríndios vivendo sua religião, suas crenças e seu modo de vida. A esse respeito, a obra de Hélio Rocha chama a atenção para o comportamento colonizador do Coronel Labre, que acreditava que os colonizados viviam na escuridão e precisavam da luz do colonizador. Isso nos lembra claramente o que Albert Memmi, Frantz Fanon e outros pensadores sobre o colonialismo argumentam: para os colonizadores, os “nativos” precisam de sua “proteção”, sua luz, sua salvação. A vontade de Labre de estabelecer uma colônia perto do Purus, certamente, significava uma invasão da terra indígena.

Pode-se dizer, portanto, que a obra do professor Helio Rocha é uma biografia descolonizadora, pois promove a recuperação da história, aquela história negligenciada pelos grandes centros. Ao proporcionar ao leitor uma revisão da história de uma região da Amazônia sob o ponto de vista do colonizado, do indígena que vivia na região e ao valorizar a história do povo caboclo, do seringueiro, daqueles que não tinham acesso nenhum aos bens que os homens do poder tinham, o autor convida o leitor para repensar questões sobre o próprio fundador, um colonizador que tinha seus interesses pessoais acima de tudo, mas que também não deixou de propiciar algum progresso para os viventes do local. Portanto, parece ser verdade que a obra de Helio Rocha possibilita nova visão sobre a Amazônia e sua colonização.

## BIBLIOGRAFIA

ROCHA, Hélio. **Coronel Labre**. ed. SCIENZA, São Paulo. 2016